

OS GUARDIÕES

Irving Cox, Jr.



OS GUARDIÕES

por IRVING COX, JR.

Tradução por:

Alberto Holanda Pimentel Neto
Daniel Viana Rodrigues de Sousa
Emilyn Roque Araújo
José Victor Silva Barreto
Thaís Yumi Horikawa Chaves

Arte da capa

Robério Alves

Professor Orientador

Daniel Antônio de Sousa Alves

Revisão

Vanessa Neves Riambau Pinheiro

João Pessoa – PB

Maio de 2019



PREFÁCIO

The Guardians, texto escrito por Irving E. Cox, foi publicado originalmente em junho de 1955, pela *Astounding Science Fiction*, e pode ser categorizado como um conto de ficção científica ou *sci-fi*, termo em inglês para designar o gênero. O conto tem, em inglês, 6.214 palavras, e seu enredo é organizado em ordem cronológica convencional, isto é, o desenrolar dos acontecimentos ocorre em sequência linear. Apresenta a narrativa em terceira pessoa, um ponto que consideramos importante levantar, durante a tradução, pois a forma como optamos por traduzir alguns segmentos dependeu de qual ponto de vista levamos em consideração, das personagens ou do narrador.

A ambientação do conto se passa em uma realidade distópica, dividida em três momentos e em três ambientes principais distintos dentro da narrativa: Rythar, planeta colonizado pelos terráqueos, o Círculo Guardião, e a Terra. O narrador apresenta Rythar como um planeta coberto por uma névoa e onde há uma praga, denominada “Doença”. Os habitantes de Rythar enviam para acima da grande névoa, usando um carro-de-deus, tudo o que o deus-Terra pede. Em troca, este fornece informações e materiais para Rythar. Entre os habitantes, Mryna, a personagem principal, apresentada como uma moça curiosa, descobre alguns papéis e textos que a fazem querer descobrir os mistérios que envolvem seu planeta, sua origem e, principalmente, o que há acima da grande névoa. A partir desse momento, ela se voluntaria para trabalhar na casa-das-respostas, local é feita a comunicação com o deus-Terra, e embarca em um carro-de-deus, em busca de descobrir toda a verdade e conhecer a pessoa que todos conhecem como deus.

A tradução do conto em questão foi feita com base em um viés estrangeirizante, que, como aponta Martins (2010, p.67)¹, “leva o leitor da tradução até o autor do original”, bem como evidencia “a identidade estrangeira do texto-fonte”. Em seguida, tendo em vista a afirmação de Gomes (2008, p.14)², que percebe os primeiros leitores de ficção científica, no século XX, como “um público formado de jovens interessados em histórias fantásticas cujo objetivo tendia para o mero entretenimento”, definimos, como nosso público-alvo, jovens habituados à leitura de textos de entretenimento. Dessa forma, optamos por traçar um projeto de tradução que cultivasse os elementos do texto fonte (TF). Contudo, durante nossas

¹ MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. In: **Cadernos de Letras** (UFRJ), v. 1, n. 27, dez. 2010.

² GOMES, Anderson Soares. **Aspectos teóricos da narrativa contemporânea em romances de Philip K. Dick**. Rio de Janeiro, 2008, 154 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



discussões, percebemos que o conto não traria tantos elementos culturais passíveis de ser estrangeirados, em decorrência de já se tratar de uma ficção científica em um mundo distópico. Assim, optamos por estratégias de estrangeirização no que tange a forma de expressão textual, sem uso de estrangeirismos.

Algumas vezes, optamos pela tradução literal de certos termos, como em “carro-de-deus” (*god-car*) e “deus-Terra” (*Earth-god*), ou seja, sem grandes adaptações em relação à cultura alvo. Cabe ressaltar que buscamos manter o uso de letras maiúsculas e minúsculas similarmente ao TF, bem como o nome das personagens e unidades de medida presentes, como no caso de milhas, usada nos Estados Unidos.

Logo no início da narrativa são introduzidos os dois termos acima mencionados: *god-car* e *Earth-god*. A opção por traduzi-los de forma literal foi motivada a partir da descrição de outros elementos feitas no decorrer da narrativa. Os habitantes de Rythar parecem não estar a par de muitas informações, e a grande névoa os impossibilita de saber o que há acima. Isso faz com que eles, em nossa perspectiva, nomeiem objetos de forma básica e direta. *God-car*, nesse sentido, embora possa ser entendido como uma nave, é visto pelos Rytharianos como um carro enviado por Deus, através do qual também enviam o que o deus-Terra lhes pede, o “minério sacrificial” (*sacrificial ores*). Outras escolhas, e.g., “caixa falante” (*speaking box*) e “homens de metal” (*metal men*), foram baseadas na mesma lógica.

A escolha por “minério sacrificial” segue a mesma lógica acima informada. Tal minério é, na verdade, urânio, mas nenhum dos habitantes Rytharianos sabe disso. Somente Mryna, após assistir aos livros projetáveis. A seguinte passagem ilustra essa descoberta:

Texto-fonte	Tradução
<p><i>Rythar, according to the film, was one of a score of colonies established by Earth. It was unbelievably rich in deposits of uranium. That, Mryna surmised, was the name of the sacrificial ore they sent up in the god-cars.</i></p>	<p>Rythar, de acordo com o filme, era uma das vinte colônias criadas pela Terra. Era inacreditavelmente rico em reservas de urânio. Esse, supôs Mryna, era o nome do minério sacrificial que eles enviavam nos carros-de-deus.</p>

Outro exemplo de estratégia de estrangeirização que utilizamos além do nível vocabular, está no seguinte trecho retirado do TF: “*A score or more became second wives in polygamous homes (...)*”. A expressão “*a score or more*” apresenta a ideia de duas dezenas ou mais. Em uma proposta domesticadora, utilizar “vinte ou mais” seria uma opção viável, em nosso



entendimento. Contudo, no viés estrangeirizante, optamos por manter a estrutura semântica “duas dezenas ou mais”.

Conforme mencionado, também fizemos o uso de letras minúsculas e maiúsculas conforme utilizado no texto-fonte. É o caso de Rythariano e de “Doença” (tradução de *Sickness*), com a primeira letra em caixa alta para se referir à praga existente em Rythar, e “doenças” (encontrada no texto-fonte como *diseases*), usada em caixa baixa para se referir a doenças de forma geral, tratadas no Círculo Guardiã.

Abaixo estão exemplificados dois trechos e suas respectivas traduções:

Texto-fonte	Tradução
<i>No adult in the survey colony survived; children born on Rythar are themselves immune, but are carriers of the Sickness.</i>	Nenhum adulto na colônia de pesquisa sobreviveu; crianças nascidas em Rythar são imunes, mas são portadoras da Doença .
<i>An incidental by-product of the Guardian Wheel is the hospital facility, where advanced cases of certain cancers and lung diseases have been cured in a reduced gravity or by exposure to cosmic radiation</i>	Um subproduto incidental do Círculo Guardiã, é a instalação hospitalar, onde casos avançados de certos tipos de câncer e doenças pulmonares são curados em gravidade reduzida ou por exposição à radiação cósmica.

Para o termo “Círculo Guardiã” (*Guardian Wheel*), inicialmente pensamos em não o traduzir. Contudo, entendemos a significação do “círculo guardião” como um grupo de pessoas protetoras de um segredo, conforme ocorre no conto. Além disso, quando o Círculo é destruído, não apenas o segredo é revelado, como os guardiões também são “destruídos” com ele. Isso pode ser melhor percebido na passagem seguinte:

Texto-fonte	Tradução
<i>The Wheel has to be destroyed, and we must die with it.</i>	O Círculo deve ser destruído, e devemos morrer com ele.

Outras escolhas foram motivadas a fim de não propor uma tradução demasiadamente domesticadora, como é o caso dos seguintes exemplos:



Texto-fonte	Tradução
<i>Film books</i>	livros projetáveis
<i>Auto-pickups</i>	autotransporte
<i>answer house</i>	casa-das-respostas
<i>Time-warp</i>	modo de direção temporal

Uma vez que nosso projeto de tradução visou a estrangeirizar o texto-fonte, esperamos que as estratégias mencionadas possam ser percebidas durante a leitura. E, coerentemente à proposta de aproximar o leitor do texto de partida, optamos por organizar este volume em formato bilíngue. Desejamos, assim, uma boa leitura!

Os tradutores,

Alberto Holanda Pimentel Neto
Daniel Viana Rodrigues de Sousa
Emilyn Roque Araújo
José Victor Silva Barreto
Thaís Yumi Horikawa Chaves

João Pessoa – PB, 05 de abril de 2019



A questão nem sempre é "A Verdade vos libertará!"
Às vezes, a questão é "Queira que a Verdade vos motive a escapar!"
E isso pode ser perigoso!



Mryna Brill pretendia pilotar o carro-de-deus para além da grande névoa. Por muito tempo, ela não acreditara nos tabus ou no deus-Terra; não acreditava mais que vivia na Terra. Esse paraíso de florestas verdejantes e riachos era o que se chamava Rythar.

Seis anos atrás, quando tinha quatorze anos, Mryna fez sua primeira descoberta: a verdade. Ela questionou o deus-Terra, e ele a ignorou. Era uma pergunta bem simples: “o que há acima da grande névoa?” Deus poderia ter respondido. Todos os dias, ele respondia a questões técnicas muito mais difíceis. Ao invés disso, repetiu o velho tabu sobre evitar a Vila Antiga, por causa da Doença.

Consequentemente, Mryna, sendo mulher, foi à Vila. Não havia nada de incomum nisso. Todas as crianças iam às ruínas de vez em quando. Elas inventaram um tipo de feitiço que fazia com que tudo ficasse bem. Elas corriam por trás das ruínas das antigas casas e mantinham os olhos semicerrados para evitar a Doença.

Porém, ainda aos quatorze anos, Mryna superara tais fascinações e não acreditava na Doença. Uma vez, ela perguntara ao deus-Terra qual o significado dessa palavra, e o monitor na casa-das-respostas a fornecera uma resposta bem detalhada. Mryna sabia que nenhuma das cem garotas, e nenhum dos trinta garotos habitantes de Rythar jamais ficara doente. Assim como o tabu da Vila Antiga, Mryna considerava isso uma superstição infantil.

A Vila Antiga não era grande; possuía três estradas paralelas, de uma milha de distância, ladeadas pelas ruínas carbonizadas de casas pré-fabricadas, que eram idênticas às choupanas onde as crianças viviam. Não havia nada que pudesse inspirar medo ou lenda. A Vila Antiga fora queimada havia muito tempo; da grama da floresta, crescera uma manta verde sobre as paredes esqueléticas.

Durante semanas, Mryna vasculhou as ruínas antes de encontrar algo de significância — algumas páginas abrasadas de um panfleto impresso enterrado no fundo da terra enegrecida. O papel a animou tremendamente; era diferente dos livros projetáveis fotografados na casa-das-respostas. Ela nunca tocara algo assim antes, e parecia maravilhoso.

Mryna leu o panfleto avidamente. Fazia parte de um anúncio promocional de um mundo chamado Rythar, “a joia do Sistema Solar Sírian”.

A descrição deixou óbvio que Rythar era o paraíso verde onde Mryna vivia — o lugar que ela fora ensinada a chamar de Terra. E o panfleto havia sido endereçado a “Terráqueos em qualquer parte”.



Mryna fez sua segunda descoberta aos 15 anos: um livro sobre astronomia. Pela primeira vez na vida, ela leu sobre a poeira giratória, gravitando além da eterna névoa que escondia seu mundo.

A Terra sólida e estável de sua infância não era mais sólida, nem tampouco estável, mas uma esfera girando em um vazio escuro. Nem mesmo de Terra era chamado, mas de Rythar. A revelação pela qual Mryna teve de passar foi devastadora; ela perdeu a fé em tudo o que acreditava.

Mesmo assim, a lógica regular da astronomia a fez pensar. Tal lógica explicava por que a grande névoa brilhava à luz do dia e ficava escura à noite. Mryna nunca vira um céu limpo. Ela não possuía nenhuma memória visual a que ancorasse essa nova concepção.

Por seis anos, Mryna manteve esse segredo. Ela escondeu os papéis e textos sobre astronomia que encontrou na Vila Antiga. Mais tarde, após a chegada dos homens de metal, ela destruiu tudo para que nenhuma das outras mulheres descobrisse que o deus-Terra era um homem.

No início, ela manteve o segredo por medo. Por alguma razão, o homem que brincava de ser deus queria que as crianças acreditassem que Rythar era a Terra, todo o universo envolto por uma nuvem de neblina. Ela sabia disso, porque uma vez perguntara ao deus-Terra o que era um planeta. O rosto no monitor que ficava na casa-das-respostas congelara de raiva — ou seria medo? —, e disse:

— A palavra não significa nada.

No entanto, mais tarde, naquela noite, um imenso carro-de-deus trouxe seis homens de metal da grande névoa. Eles eram enormes, um aglomerado de coisas que retiniam quando andavam. Quatro deles usaram armas para manter as crianças juntas em seus assentamentos apertados. Os outros dois foram à Vila Antiga e demoliram as ruínas com fortes explosivos.

Mal lembrava Myrna que os homens de metal já estiveram ali antes, quando as crianças ainda eram muito pequenas. Eles construíram o novo assentamento e trouxeram comida. *Viveram com as crianças por muito tempo*, pensou ela — mas suas lembranças eram nebulosas.

Conforme os anos passavam, o medo de Mryna diminuía, e somente uma coisa importava: ela sabia que o deus-Terra era um homem. Sobre o solo fértil de Rythar, havia cem mulheres e trinta homens. Todos os garotos haviam escolhido uma parceira antes dos 17 anos. Setenta garotas ficaram solteiras, sem nenhuma perspectiva de ter um marido. Duas dezenas ou mais ficaram como segunda esposa em lares poligâmicos, mas casamentos plurais não interessavam a Mryna. Ela era seguramente determinada a ter um homem só dela. E por que ele não poderia ser o deus-Terra?



Como primeiro passo para fugir, Mryna voluntariou-se para trabalhar na casa-das-respostas. Até onde se lembrava, a casa-das-respostas ficava em um outeiro um pouco distante do novo assentamento. Era uma casa quadrada, de um cômodo só, habitada por uma caixa falante, uma tela de vidro e um painel de equipamentos transmissores. Qualquer pessoa no assentamento poderia contatar o deus-Terra e solicitar informações ou equipamentos especiais.

Deus aparecia e fornecia-lhes uma enxurrada de informações. A mais simples pergunta resultava em uma quantidade volumosa de dados, transmitidos pelo monitor e fotografados em bobinas de filme. Alguém precisava ficar na casa-das-respostas para lidar com a fotografia. O trabalho não era difícil, mas era monótono. A maioria das crianças preferia arar a terra ou desenterrar o minério sacrificial.

Uma solicitação por equipamentos era atendida prontamente. Ferramentas, máquinas, sementes, fertilizantes, construções pré-fabricadas, jogos, roupas — tudo era trazido em um carro-de-deus. Era um cilindro largo que sibilava conforme descia através da grande névoa em uma coluna de fogo. O local de aterrissagem era um terreno carbonizado e plano, próximo à casa-das-respostas. A menos que o equipamento fosse anormalmente pesado, o assistente que ficava na casa devia descarregar o carro-de-deus e empilhar o minério sacrificial extraído em Rythar.

Deus pediu duas coisas do assentamento: as peças do metal anormalmente pesado que eles extraíram, e pequenos frascos com solo. Em cerca de uma hora, eles podiam extrair minério suficiente para encher o compartimento do carro-de-deus, e deus nunca reclamava caso eles enviassem o cilindro de volta vazio. Porém, ele esbravejava poderosamente por conta dos frascos de Terra. Ele fornecia direções muito claras acerca do local onde eles deviam coletar as amostras, que nunca era o mesmo. Às vezes, precisavam viajar milhas além do assentamento para satisfazer aquele inexplicável capricho.

Durante duas semanas, Mryna percorreu pacientemente os intermináveis filmes dos novos livros e descarregou o carro-de-deus quando este chegava. Ela examinou o interior do cilindro cuidadosamente e calculou cada risco possível. O compartimento era muito pequeno, mas concluiu que ficaria a salvo.

Então, ela tomou sua decisão. Tensa e cautelosamente, Mryna Brill infiltrou-se a bordo do carro-de-deus. Ela trancou a porta de docagem, que automaticamente disparou os tubos de lançamento. Depois disso, não havia volta.

O compartimento escuro tremeu com um estrondo. A força da velocidade de escape rompeu contra seu corpo, empurrando-a com força contra as paredes de contenção. Ela ficou inconsciente até a pressão diminuir.



As paredes de metal tornaram-se quentes, mas o espaço era muito pequeno para que ela evitasse o contato por completo. Apareceram quatro tubos finos luminosos de brilho vermelho e opaco, e um líquido gelatinoso esvaiu-se de aberturas no teto. O fluído pulverizou cada superfície exposta no cubículo, escorrendo pela carga de minério sacrificial aos pés de Mryna. Tinha um odor antisséptico, asfíxiante; fez o rosto de Mryna queimar e irritou-lhe os olhos.

Para piorar, conforme o líquido ensopava suas roupas, desintegrava as fibras do tecido, rasgando-as em longas tiras, que, lentamente, se dissolviam no líquido sobre o chão. Antes de o spray antisséptico cessar, Mryna encontrava-se impotentemente nua. Não restaram nem mesmo suas botas pretas.

As luzes vermelhas se apagaram, e Mryna estava novamente aprisionada na escuridão esmagadora. Um terror dos tabus que ela havia enfrentado tomou conta de sua mente. Ela começou a chorar, mas o som se perdia meio ao ruído dos motores.

De repente, acabou. O carro-de-deus ancorou em algo sólido. Mryna foi jogada contra o teto — e ficou lá, pendurada como uma massa sem peso. As peças do minério sacrificial estavam flutuando na escuridão, assim como Mryna. Os motores pararam, e a porta de docagem se abriu.

Mryna viu uma sala circular, brilhantemente iluminada por uma luz azul ofuscante. A natureza de seu medo mudou. Esta era a casa do deus-Terra, mas ela não poderia deixar que ele a visse nua.

Ela tentou correr para a sala circular. Mryna percebeu que a menor contração de um músculo poderia mandá-la girando pelo ar. Ela não conseguia encostar os pés no chão. Não havia fundo nem topo naquela sala. Ela colidiu violentamente contra a parede de metal e agarrou-se a um suporte luminoso para evitar que quicasse no ar novamente.

O carro-de-deus aterrissou num local que não era nem o teto nem o piso da sala circular. Mryna não tinha como fazer nenhuma distinção. Oito corredores com luzes brilhantes abriram-se na parede lateral. Ela ouviu passos vindos de um dos corredores movendo-se em sua direção e, cegamente, impulsionou-se para o outro corredor. Conforme se distanciava da sala circular, um vago senso de gravidade retornava. Ao fim do corredor, conseguiu ficar de pé novamente, embora ainda precisasse andar com cuidado. Qualquer movimento brusco a mandava pelo ar, fazendo-a colidir com a cabeça no teto.

Cautelosamente, ela abriu uma fina porta de metal que dava para outro corredor — e permaneceu estupefata, olhando através de uma parede de mica para o vazio do espaço pontilhado com seus milhões de estrelas. Essa era a verdade dos mapas que ela vira no texto de



astronomia: somente o conhecimento salvou sua sanidade. Ela acreditara quando a verdade estava escondida pela grande névoa, logo, ela teria que acreditar agora.

De onde estava, pôde ver o local aonde o carro-de-deus a trouxera — era como uma roda girando no vazio. O carro-de-deus estava ancorado na plataforma, de onde oito corredores irradiavam semelhante ao brilho de uma roda em relação ao a seu aro. Bem distante, abaixo do gigantesco círculo, Mryna viu a esfera de Rythar, invisível por trás de seu manto de névoa brilhante.

Ela andou ao longo do corredor, por trás da parede de mica, até chegar a uma porta que se encontrava aberta. O local era um compartimento para dormir e estava vazio; procurou por roupas, mas nada encontrou; olhou em mais quatro dormitórios antes de encontrar algo que pudesse usar — shorts curtos, claramente feitos para um homem, e uma túnica branca, frouxa. Não era adequado; não era o jeito como ela como gostaria de estar vestida quando o encontrasse, mas tinha de servir.

Mryna estava tateando uma maleta em busca de um par de tênis quando ouviu um passo atrás dela. Ela virou-se e viu um homem baixo, de cabelos brancos e um pouco corcunda; nu, exceto por um calção parecido com o que ela estava usando. A pela enrugada de seu peito velho estava bronzeada pela luz quente do sol; óculos com lentes finas estavam pendurados em uma corrente em seu pescoço.

— Senhorita — disse ele, com uma voz cansada —, esta é uma ala masculina.

— Me desculpe. Eu não sabia...

— Você deve ser uma nova paciente.

Ele procurou pelos óculos. Instintivamente, ela sabia que não poderia deixá-lo vê-la de forma nítida o suficiente para identificá-la como uma estranha. Ela pôs-se atrás dele, derrubando os óculos de sua mão.

— É melhor eu encontrar minha própria... ala. — Mryna não conhecia aquela palavra, mas supunha que significasse algum tipo de câmara para dormir.

O homem velho falou logo em seguida:

— Não ouvi nada sobre eles trazerem um novo paciente hoje.

Ela estava no corredor nesse momento. Ele a puxou pela mão.

— Eu a verei na sala solar? — Foi uma pergunta tímida, esperançosa —. E você me contará todas as novidades, tudo que estão fazendo na Terra. Estou longe de casa há quase um ano.



Ela fugiu pelo corredor. Quando ouviu vozes à sua frente, ela empurrou uma porta e deslizou para outro quarto — um almoxarifado com pilhas de processos médicos. Por trás das caixas, ela imaginou que ficaria a salvo.

Isso não era o que ela esperava. Mryna achava que deveria haver um homem morando em algum tipo de casa pré-fabricada suspensa, de alguma forma, sobre a grande névoa. Mas, obviamente, havia outros lá em cima; ela não sabia quantos. E aquele homem velho a deixou assustada — mais que a estonteante vista do céu, visível através da parede de mica. Mryna nunca vira a velhice física antes. Ninguém em Rythar era mais velho que ela — uma robusta, saudável e vigorosa moça de vinte anos. A fragilidade do velho lhe causou repulsa; pela primeira vez na vida, ela estava ciente da lenta degradação da morte.

A porta da sala de suprimentos se abriu. Mryna agachou-se por trás das caixas, mas ela podia ver o homem e a mulher que entraram no local. Uma mulher, *aqui?* Mryna não considerara essa possibilidade. Talvez o deus-Terra já tivesse uma companheira.

Os recém-chegados estavam vestidos em uniformes brancos, grossos; a mulher usava um chapéu branco, engomado. Eles portavam uma bandeja com pequenos cilindros de vidro, dos quais se projetavam seringas de metal. Enquanto a mulher segurava a bandeja, o homem introduziu as agulhas através da tampa de pequenos frascos e encheu os cilindros com um líquido de cor vibrante.

— Quando você vai, Dick? — perguntou a mulher.

— Em cerca de quarenta minutos. Eles estão enviando um autotransporte.

— Oh, não!

— Agora, não comece a se preocupar. Eles já devem ter consertado os problemas a essa altura. Os autotransportes são completamente seguros.

— Claro, isso é o que o exército diz.

— Teoricamente, eles deveriam ser mais seguros que...

— Eu queria que você tivesse esperado pela lançadeira.

— E perder a chance de conversar com o Congresso esse ano? Trabalhamos muito tempo para isso; não quero estragar tudo agora. Temos todas as provas estatísticas de que precisamos, para convencer até mesmo aqueles incrédulos mesquinhos. Durante os últimos oito anos, lidamos com mais de mil casos aqui. Na Terra, eram tidos como incuráveis; enviamos de volta mais de oitenta por cento em boas condições de saúde, depois de quatro meses em média.

— Nenhum médico jamais questionou a eficácia da radiação cósmica e de uma gravidade reduzida, Dick.



— O problema são sempre nossos parlamentares, reclamando sobre o orçamento, mas, dessa vez, temos os problemas de custo resolvidos, também. Já faz uma ano e meio que o minério que eles enviam de Rythar paga por toda a nossa operação.

— Eu não sabia disso.

— Mantemos isso em segredo, para que os políticos não cortem nossas verbas.

Eles encheram seus tubos de vidro e dirigiram-se à porta.

— Não é certo — insistiu a mulher — eles não enviarem uma lançadeira para lhe buscar, Dick. Não é justo. Você é nosso diretor médico assistente e...

Suas palavras foram abafadas quando a porta se fechou atrás deles. Mryna tentou complementar a informação com o que ela já sabia — ou pensava que sabia — sobre o deus-Terra. Não concluiu muita coisa. Uma vez, ela pedira uma definição para doença, e era claro para ela que esse lugar que eles chamavam de Círculo Guardião era um hospital caro para os Terráqueos. Era pago com o minério sacrificial extraído em Rythar. De certa forma, Rythar estava sendo escravizado e explorado pela Terra. Era verdade que extrair o minério não era difícil, mas Mryna indignava-se com o fato de a verdade não ser dita às crianças de Rythar. Há muito tempo, ela já havia perdido seu temor ao homem chamado de deus; agora, ela perdera o respeito também.

Mryna estava aliviada por não o ter visto, aliviada por ninguém saber que ela estava a bordo do Círculo Guardião. Ela não retornaria a Rythar. Se contasse aos outros o que sabia, Rythar não enviaria mais minério sacrificial. Que os Terráqueos desçam e escavem por contra própria!

Com muita cautela, ela abriu a porta. O corredor estava vazio. Ela caminhou até um dos corredores de interseção. Ao ouvir passos, escondeu-se em outro dormitório.

Este era diferente dos outros; continha indícios de estar ocupado permanentemente. Ela deduziu que era um dormitório para as pessoas responsáveis por tratar dos doentes. Havia quadros pendurados nas paredes de metal curvas; artigos pessoais desorganizados nas prateleiras ao lado dos beliches. Em uma escrivaninha, ela viu alguns relatórios datilografados. Cinco uniformes recém-lavados, idênticos aos que ela perdera no banho antisséptico, estavam pendurados em um cabide atrás da porta. Mryna despiu-se das roupas improvisadas que estava usando e vestiu um dos uniformes; encontrou botas sob a escrivaninha. Quando estava vestida, permaneceu admirando a si mesma na superfície polida da porta de metal.

Ela era uma mulher linda, e tinha plena consciência disso. Seu rosto estava bronzeado pela luz do sol, filtrada pela névoa que encobria Rythar; seus lábios eram vermelhos e sensuais; seu cabelo era longo, platinado e caía até os ombros. Ela comparou-se à mulher baixa, de



aparência séria, que vira na sala de suprimentos. Era assim que se parecia uma típica Terráquea? Os lábios de Mryna converteram-se em um sorriso debochado. Que os deuses desçam, então, até Rythar e descubram como era uma mulher de verdade, no exuberante paraíso verde Rythariano.

Mryna foi até a escrivaninha e pegou os relatórios. Eles foram escritos por um homem que assinava por "Comandante encarregado, Círculo Guardião", e eram destinados ao Congresso do governo mundial. Um documento datilografado era um inventário de fornecimento; um outro, ainda inacabado, um relatório orçamentário. (*Você não vai apresentar nenhum orçamento na próxima vez — pensou Mryna vingativamente —, quando pararmos de lhes enviar o minério sacrificial.*) Outro relatório tratava de Rythar, e Mryna o leu com mais interesse.

Um parágrafo lhe chamou a atenção.

“Temos solicitado amostras de solo a serem coletadas de uma área com cobertura de 10 mil milhas quadradas. Nossas análises químicas têm sido minuciosas, e não achamos nada que possa ser remotamente nocivo à vida humana. Amostras da atmosfera produziram os mesmos resultados negativos. Por outro lado, temos claras evidências de que nenhuma vida animal jamais evoluíra em Rythar; o ciclo de vida é exclusivamente botânico.”

Mryna percebeu que as amostras de solo eram os frascos de terra que o deus-Terra requisitara com frequência. Estariam os Terráqueos planejando transferir o hospital para Rythar? A ideia a preocupou. Mryna não queria que seu mundo fosse infestado com um monte de homens velhos e doentes descartados pela Terra.

Ela voltou para a segunda página do relatório.

“A colônia original sobreviveu por um ano. A Doença na Vila Antiga se desenvolveu somente após a primeira safra de comida produzida em Rythar. Está cada vez mais evidente que o ciclo botânico de Rythar deveria ser estudado antes de chegarmos a uma conclusão. Para que façamos isso de forma adequada, devemos enviar equipes de pesquisa para a superfície. Isso exige muito mais recursos para pesquisa do que os que tínhamos no passado. Os trajes metálicos de imunização, que devem, claro, ser destruídos ao final de cada expedição...”

— Posso saber o que significa isso?

Mryna derrubou o relatório e virou-se para a porta. Ela viu uma mulher parada — outra Terráquea de cara fechada, com um chapéu branco engomado assentado sobre seus cabelos grisalhos.

— Eu devo ter entrado no quarto errado — Disse Mryna com a voz baixa.

— De fato, entrou! Todos sabem que este é o quartel general de comando. Quem é você?



A mulher agarrou-a pelo braço, de tal forma que seus dedos apertaram sua pele através do uniforme.

Mryna esquivou-se, assumindo uma postura firme. Por que ela deveria ter medo? Ela sentiu-se mais imponente que a estranha enrugada. Mryna sabia que a Terráquea não seria páreo para ela.

— Meu nome é Mryna Brill — disse, calmamente —. Eu vim até aqui em um carro-de-deus de Rythar.

— Rythar? — A mulher ficou boquiaberta. Ela sussurrou as palavras como se fossem profanas. De repente, virou-se e desceu correndo pelo corredor externo, gritando aterrorizada.

Ela está com medo de mim! Pensou Mryna. Isso não fazia o menor sentido.

Mryna sabia que deveria voltar ao carro-de-deus imediatamente. Como os Terráqueos inventaram os tabus na intenção de conseguir o minério sacrificial de Rythar, eles fariam qualquer coisa que pudessem para impedi-la de retornar. Ela correu até um corredor de interseção. Um alarme começou a tocar, e o som vibrou contra as paredes de metal. Um homem armado saltou de uma das salas e disparou contra Mryna. A descarga atingiu a parede, deixando um buraco.

Então eles seriam capazes até mesmo de matá-la — esses homens que fingiam ser deuses.

Antes que o homem pudesse disparar novamente, Mryna moveu-se para um corredor lateral, e imediatamente a sensação de ausência de peso lhe tomou conta. Ela não podia se mover rápido. Ela viu o homem armado no início do corredor. Freneticamente, ela empurrou a porta de uma sala, que estava cheia de painéis de equipamentos transmissores. Três homens estavam sentados em frente aos microfones. Eles se levantaram e vieram em sua direção, desajeitadamente, tentando lutar contra a ausência de gravidade.

Mryna segurou-se no umbral da porta e impulsionou-se até o teto. Nesse momento, o homem armado abriu fogo. O disparo não a acertou e atingiu os equipamentos transmissores, o que gerou uma explosão, emanando um fogo azul da sala. Os três homens gritaram em agonia. O impacto arremessou Mryna, impotente, contra a borda mais uma vez.

O Círculo Guardião foi imerso em escuridão. A cabeça de Mryna girava, seu ombro ardia com a dor causada pelo impacto contra a parede. Ela tentou rastejar até a sala circular, mas havia perdido o senso de direção e viu-se novamente no arco externo.

O alarme parara quando as luzes se apagaram, mas Mryna ouviu gritos de pânico. Alguém estava gritando ao longe. Ela ouviu passos correndo em sua direção. Mryna esticou-se contra a parede externa. O corpo de um homem baleado passou por ela.



— Rythar — dizia um deles — uma mulher de Rythar!

— E explodimos o centro de comunicação. Não há nenhuma forma de enviarmos um aviso à Terra...

Eles passaram.

Mryna voltou ao corredor de interseção. Ela foi em silêncio, apalpando o caminho, até a plataforma circular e o carro-de-deus. De repente, ouviu vozes que pôde reconhecer — o homem e a mulher que estavam conversando na sala de suprimentos.

— Você ainda está bem, Dick — falou a mulher — Ela não ficou aqui tempo suficiente para...”

— Não temos como saber. Não sabemos como nem quão rapidamente isso se espalha. Não podemos correr o risco.

— Então... então não temos escolha? — Sua voz era um leve sussurro, sufocado pelo terror.

— Nenhuma. Esse é o procedimento de emergência dos últimos vinte anos. Sempre soubemos da possibilidade de um deles escapar. Se tivéssemos permissão para utilizar outra política educacional — mas o governo não nos permitiria isso.

— Não poderíamos esperar para ter certeza?

— Não temos tempo. Nenhum de nós seria capaz de realizar o trabalho depois.

As vozes se distanciaram. Mryna flutuou até a plataforma. Ela achou a câmara de compressão e entrou no carro-de-deus. A trava de metal fechou-se e as luzes se acenderam. Nesse momento, ela sabia que cometera um erro. Esse não era o transporte que usara para vir de Rythar. A cabine apertada era equipada com um compartimento para dormir, outro, com comida e um arquivo de filmes. Sobre o compartimento para dormir, havia uma janela de visualização de mica, que lhe dava uma ampla visão do espaço.

Mryna lembrou que o homem na sala de suprimentos dissera que estava esperando por um autotransporte. Ele iria voltar à Terra. Mryna tinha embarcado na nave dele em vez da sua. Em pânico, tentou abrir a porta de novo, mas não encontrou nenhuma forma de como o fazer. A maquinaria sob seus pés começou a zumbir. Ela sentiu uma leve guinada quando o autotransporte deixou a plataforma do Círculo Guardião.

O autotransporte girou em um enorme arco. Pela janela de visualização, Mryna viu o enorme círculo contraindo-se bem atrás dela, em contraste à névoa de Rythar. De repente, o círculo brilhou em vermelho com uma estrondosa explosão. Os fragmentos flamejantes desapareceram no vazio.



Mryna caiu sem forças no dormitório. Náuseas tomaram conta de sua mente. O homem dissera que destruiriam a si mesmos só por que Mryna viera a bordo? Mas por que eles estariam com medo dela? Que perigo ela poderia lhes causar? Mryna deixara Rythar para descobrir a verdade, e a verdade era insanidade. A verdade era sempre assim — uma amarga desilusão, um terror vazio?

Agora, ela tinha algo a dizer para as pessoas em Rythar: não que os deuses eram homens, mas que os homens eram loucos. Acreditem em tabus; enviem o minério sacrificial. Era um preço baixo a pagar para manter aquela loucura longe de Rythar.

E Mryna sabia que não poderia voltar. Agora, sem o Círculo Guardião, ela jamais poderia retornar a Rythar; o autotransporte estava levando-a inexoravelmente em direção à Terra. O ruído da maquinaria lentamente tornou-se estridente, martelando contra seus tímpanos. As estrelas vistas pela janela cintilavam. Mryna foi surpreendida com uma vertigem quando a lançadeira saiu da velocidade convencional para a velocidade de deformação do tempo. O som havia se esvaído. A nave estava flutuando em uma escuridão impenetrável.

Mryna não fazia ideia de quanto tempo havia se passado. Quando sentiu fome, pegou comida do compartimento; dormiu quando ficou cansada. Para passar o tempo, ela rodava os filmes no projetor.

Muitos dos filmes arquivados no transporte eram sobre coisas que Mryna já sabia. Os Terráqueos, claramente, não negaram nenhuma informação a Rythar. Apenas uma coisa fora restringida — astronomia. E isso não teria feito nenhuma diferença, se Mryna não tivesse encontrado o texto nas ruínas da Vila Antiga. As pessoas em Rythar nunca viram as estrelas; elas não tinham como saber — ou lidar com — o que jazia sobre a grande névoa.

Mryna estava mais interessada na história da Terra, que ela nunca conhecera antes. Ela analisou as imagens dos grandes centros industriais e dos campos movimentados. Ela estava deslumbrada com as multidões nas ruas da cidade e com os edifícios gigantescos. Ainda assim, preferia seu próprio mundo — as florestas e os riachos cristalinos; a vastidão, os espaços abertos e vazios

Ela ficou intrigada com o fato de as pessoas na Terra entregarem o paraíso Rythariano para um bocado de crianças, quando seu mundo estava superlotado. Seria essa outra forma de loucura que levava as pessoas no Círculo Guardião a destruírem a si mesmas? Era uma explicação convincente, embora a mente de Mryna fosse lógica demais para aceitar.

Um dos filmes fazia referência aos achados da colônia original em Rythar, um planeta no Sistema Solar Sirian que fora batizado por seus colonizadores. Rythar, de acordo com o



filme, era uma das vinte colônias criadas pela Terra. Era inacreditavelmente rico em reservas de urânio.

Esse, supôs Mryna, era o nome do minério sacrificial que eles enviavam nos carros-de-deus.

A atmosfera e gravidade de Rythar eram o dobro da que havia na Terra. Rythar deveria ter se tornado a maior colônia no sistema. O governo da Terra planejara, originalmente, uma migração de dez milhões de pessoas.

“Mas, depois de doze meses, a colônia foi destruída por uma infecção” — leu Mryna na tela de projeção —, que nunca foi identificada. É chamada simplesmente de Doença. A origem dessa praga é desconhecida. Nenhum adulto na colônia de pesquisa sobreviveu; crianças nascidas em Rythar são imunes, mas são portadoras da Doença. A primeira equipe de resgate enviada para salvá-las morreu dentro de oito horas. Nenhum ser humano, exceto as crianças nascidas em Rythar, jamais sobreviveu à Doença.”

Agora, Mryna sabia de toda a verdade. Ela sabia o motivo da loucura autodestrutiva dos Terráqueos. Não foi insanidade, mas a coragem sublime de alguns seres humanos de sacrificarem-se para salvar o resto de sua civilização. Eles destroçaram o Círculo Guardião para que a Doença não se espalhasse. E Mryna escapara antes disso. Ela estava sendo lançada pelo espaço em direção à Terra, que ela também destruiria.

Ainda que Mryna tirasse a própria vida, isso não mudaria a situação. A nave continuaria movendo-se em direção ao seu destino. Seu corpo estaria a bordo; talvez os equipamentos da cabine estivessem agora infectados. Quando a nave chegasse à Terra, o veneno mortal escaparia.

Entorpecida, Mryna colocou outro frame no filme e leu o que os Terráqueos fizeram para ajudar Rythar. Eles construíram o Círculo Guardião para conter a Doença. Isolados em trajes metálicos de imunização, voluntários desceram para o mundo da praga e cuidaram das crianças sobreviventes, filhas dos colonizadores, até que estivessem grandes o suficiente que cuidarem de si mesmas. A casa-das-respostas fora construída como um mecanismo de instrução.

“Na medida do possível, os cientistas no comando tentaram instaurar uma situação social normal para os portadores da praga. Eles jamais poderiam sair de Rythar, mas, quando estivessem maduros o suficiente para saberem da verdade, Rythar poderia ser integrado ao sistema colonial. Urânio Rythariano era um fator de troca significativa no mercado colonial. Um subproduto incidental do Círculo Guardião é a instalação hospitalar, onde casos avançados de



certos tipos de câncer e doenças pulmonares são curados em gravidade reduzida ou por exposição à radiação cósmica.”

Mryna desligou a projeção. As palavras faziam sentido; os resultados, não. E ela sabia muito bem por que a Terra falhara. “Quando estivessem maduros o suficiente” — com essas palavras, ela sabia a resposta.

E agora não importava mais. Não havia nada que ela pudesse fazer. Sua nave era uma flecha envenenada apontada direto para o coração da civilização humana.

Mryna dormira duas vezes quando o autotransporte mudou para o modo de direção temporal e ela pôde ver novamente as estrelas. Bem a sua frente, ela viu um planeta verde, brilhando como uma esmeralda à luz sol. E soube instintivamente que era a Terra.

Um alto-falante sob a janela de visualização vibrou com o som de uma voz humana.

— Autotransporte SC 539, atenção. Seu código de pouso é sete-três-um, Porto Espacial de Chicago. Repito, sete-três-um. Disque seu código de destino. Entendido?

A mensagem foi repetida três vezes antes de Mryna chegar à conclusão de que se destinava a ela. Ela achou três botões amplificadores próximos ao autofalante e um interruptor etiquetado “resposta por voz”. Ela o ativou e descobriu que poderia falar com o Porto Espacial de Chicago.

O problema estava resolvido agora. Ela poderia dizer que vinha de Rythar. Sem hesitação, a Terra enviaria outras naves para destruir a de Mryna, antes de ela pousar. Mas ela sabia que precisava fazer mais que isso; o mesmo erro não poderia ser cometido de novo.

— Quanto tempo eu tenho? — perguntou ela.

— Trinta e quatro minutos.

— Você pode manter minha nave aqui por mais tempo que isso?

— Senhorita, os autotransportes estão em rota programada. Haja o que houver, eles pousam conforme programado.

— O que acontece se eu não discar a numeração de destino?

— Trazemo-na em estado emergencial — e você ancora sã e salva.

Mryna pediu autorização para falar com alguma autoridade do governo. O diretor da estação de Chicago disse-lhe que a solicitação era absurda. Durante nove minutos, Mryna discutiu, com veemente urgência, antes de ele dar seu consentimento relutante. O problema é que Mryna tinha de beirar a verdade, sem a admitir diretamente. Ela não poderia — exceto em último caso — deixar que eles a matassem antes de saberem por que o isolamento de Rythar falhara.



Havia treze minutos restantes para a aterrissagem quando Mryna finalmente ouviu a voz de alguém mais velho, mais decorosa, no alto-falante. Àquela altura, o globo verde da Terra preencheria o céu; Mryna podia distinguir o formato dos continentes girando abaixo dela. O homem mais velho identificou-se como um senador eleito para o Congresso Planetário. Ela não sabia que grau de autoridade ele tinha, mas não poderia desperdiçar nem mais um minuto.

Ela contou-lhe francamente quem era. Ela sabia que estava declarando sua própria sentença de morte, mesmo falando tranquilamente. Ela devia mostrar a mesma coragem que os Terráqueos tiveram quando se sacrificaram no Círculo Guardião.

— Escute-me só por mais dois minutos antes de explodir minha nave — pediu ela —. Eu subi num carro-de-deus, vindo de Rythar — estou chegando para espalhar a Doença na Terra — porque queria saber a verdade sobre algo que me intrigava. Eu precisava saber o que havia acima da grande névoa. Na casa-das-respostas, vocês não nos contavam isso. Agora, eu entendo o porquê. Éramos crianças. Vocês estavam esperando até que crescêssemos. E esse foi o erro que cometeram; essa ignorância quase destruiu sua civilização. Vocês terão que construir outro Círculo Guardião. Desta vez, não nos escondam nada, por sermos crianças. A verdade nos torna maduros; ilusões ou tabus, não. Nunca se esqueça disso. É mais fácil encarar os fatos do que ter que desistir de um sonho que fomos ensinados a acreditar. Conte a verdade às suas crianças quando elas lhes perguntarem algo. Conte-nos a verdade, por favor. Somos capazes de lidar. Somos humanos tanto quanto vocês.”

Mryna deu um longo suspiro. Seus lábios estavam tremendo. Esse homem entendeu o que ela estava tentando dizer? Ela jamais saberia. Se falhasse, a Terra, apesar de sua generosidade e coragem, poderia, um dia, ser destruída por crianças criadas com base em muitas desilusões.

— Estou pronta — disse Mryna com firmeza —. Mandem suas naves de guerra e destruam-me.

Ela esperou. Faltava menos de dez minutos. Sua nave começou a se mover mais lentamente. Ela estava a não mais que uma milha de distância da Terra. Ela viu as imensas cidades, as rodovias brancas serpenteando entre campos verdes.

Sete minutos restantes. Onde estavam as naves de guerra? Ela olhou ansiosamente pela janela de visualização; o céu estava vazio.

Em desespero, ela acionou o controle de voz mais uma vez.

— Mandem as naves, rápido! — gritou ela —. Vocês não podem me deixar pousar.



Nenhuma resposta saiu do alto-falante. Sua nave começou a rodear uma grande cidade localizada no extremo sul de um lago interiorano. Três minutos. A nave ancorou no Porto Espacial.

— Por que não fazem alguma coisa? — Mryna gritava —. Pelo que estão esperando?

O autotransporte acoplou-se a um suporte de metal. A porta se abriu. Mryna encolheu-se contra a parede, observando o que ela destruiria — o que ela já destruíra. Um homem imponente, decoroso, apareceu subindo, ofegante, a rampa em direção a ela.

— Não! — Sussurrou ela —. Não entre aqui.

— Sou o Senador Brieson — disse ele, em seguida —. Durante dez anos, o Dr. Jameson nos disse que deveríamos adotar uma política educacional diferente em relação a Rythar. Sua transmissão foi convincente, mas estamos acostumados aos truques dele. Ele será destituído do cargo por conta disso, e se depender de mim...

— Você não acreditou em mim? — Arfou Mryna.

— Claro que não. Se uma portadora da praga escapasse de Rythar, já teríamos sido informados há mais tempo. O problema com vocês cientistas é que vocês não atribuem ao resto de nós nenhum senso comum. E Jameson é o pior de vocês. Ele sempre alegou que os sociólogos deveriam determinar nossa política Rythariana, e não os representantes eleitos do povo.

Mryna desabou e começou a chorar histericamente. O senador recostou sua mão sobre o ombro dela — de forma nada gentil.

— Sem mais dramas, por favor. Você não sabe o quão afortunada é, mocinha. Se nós políticos fôssemos tão patéticos quanto vocês cientistas dizem que somos, teríamos acreditado nessa bobagem, explodido sua nave e a mandado pelos ares, ou melhor, pelo espaço. Vocês cientistas precisam deixar de lado essa ideia de que são nossos guardiões; somos bem capazes de cuidar de nós mesmos.



THE GUARDIANS

by IRVING COX, JR.



It's not always "The Truth shall set you free!" Sometimes it's "Want of the Truth shall drive you to escape!" And that can be dangerous!

Mryna Brill intended to ride the god-car above the rain mist. For a long time she had not believed in the taboos or the Earth-god. She no longer believed she lived on Earth. This paradise of green-floored forests and running brooks was something called Rythar.

Six years ago, when Mryna was fourteen, she first discovered the truth. She asked a question and the Earth-god ignored it. A simple question, really: What is above the rain mist? God could have told her. Every day he answered technical questions that were far more difficult. Instead, he repeated the familiar taboo about avoiding the Old Village because of the Sickness.

And consequently Mryna, being female, went to the Old Village. There was nothing really unusual about that. All the kids went through the ruins from time to time. They had worked out a sort of charm that made it all right. They ran past the burned out shells of the old houses and they kept their eyes shaded to ward off the Sickness.

But even at fourteen Mryna had outgrown charms and she didn't believe in the Sickness. She had once asked the Earth-god what sickness meant, and the screen in the answer house had given her a very detailed answer. Mryna knew that none of the hundred girls and thirty boys inhabiting Rythar had ever been sick. That, like the taboo of the Old Village, she considered a childish superstition.

The Old Village wasn't large—three parallel roads, a mile long, lined with the charred ruins of prefabs, which were exactly like the cottages where the kids lived. It was nothing to inspire either fear or legend. The village had burned a long time ago; the grass from the forest had grown a green mantle over the skeletal walls.

For weeks Mryna poked through the ruins before she found anything of significance—a few, scorched pages of a printed pamphlet buried deep in the black earth. The paper excited her tremendously. It was different from the film books photographed in the answer house. She had never touched anything like it; and it seemed wonderful stuff.

She read the pamphlet eagerly. It was part of a promotional advertisement of a world called Rythar, "the jewel of the Sirian Solar System."

The description made it obvious that Rythar was the green paradise where Mryna lived—the place she had been taught to call Earth. And the pamphlet had been addressed to "Earthmen everywhere."



Mryna made her second find when she was fifteen, a textbook in astronomy. For the first time in her life she read about the spinning dust of the universe lying beyond the eternal rain mist that hid her world.

The solid, stable Earth of her childhood was solid and stable no longer, but a sphere turning through a black void. Nor was it properly called Earth, but a planet named Rythar. The adjustment Mryna had [55]to make was shattering; she lost faith in everything she believed.

Yet the clock-work logic of astronomy appealed to her orderly mind. It explained why the rain mist glowed with light during the day and turned dark at night. Mryna had never seen a clear sky. She had no visual data to tie her new concept to.

For six years she kept the secret. She hid the papers and the astronomy text which she found in the Old Village. Later, after the metal men came, she destroyed everything so none of the other women would know the Earth-god was a man.

At first she kept the secret because she was afraid. For some reason the man who played at being god wanted the kids to believe Rythar was Earth, the totality of the universe enveloped in a cloud of mist. She knew that because she once asked god what a planet was. The face on the screen in the answer house became frigid with anger—or was it fear?—and the Earth-god said:

“The word means nothing.”

But late that night a very large god-car brought six metal men down through the rain mist. They were huge, jointed things that clanked when they walked. Four of them used weapons to herd the kids together in their small settlement. The two others went to the Old Village and blasted the ruins with high explosives.

Vaguely Mryna remembered that the metal men had been there before, when the kids were still very small. They had built the new settlement and they had brought food. They lived with the children for a long time, she thought—but the memory was hazy.

As the years passed, Mryna’s fear retreated and only one thing became important: she knew the Earth-god was a man. On the fertile soil of Rythar there were one hundred women and thirty men. All the boys had taken mates before they reached seventeen. Seventy girls were left unmarried, with no prospect of ever having husbands. A score or more became second wives in polygamous homes, but plural marriage had no appeal for Mryna. She was firmly determined to possess a man of her own. And why shouldn’t it be the Earth-god?

As her first step toward escape, Mryna volunteered for duty in the answer house. For as long as she could remember, the answer house had stood on a knoll some distance beyond the new settlement. It was a square, one-room building, housing a speaking box, a glass screen and



a console of transmission machinery. Anyone in the settlement could contact god and request information or special equipment.

God went out of his way to deluge them with information. The simplest question produced voluminous data, transmitted over the screen and photographed on reels of film. Someone had to be in the answer house to handle the photography. The work was not hard, but it was monotonous. Most of the kids preferred to farm the fields or dig the sacrificial ore.

56A request for equipment was granted just as promptly. Tools, machines, seeds, fertilizers, packaged buildings, games, clothing—everything came in a god-car. It was a large cylinder which hissed down from the rain mist on a pillar of fire. The landing site was a flat, charred field near the answer house. Unless the equipment was unusually heavy, the attendant stationed in the house was expected to unload the god-car and pile aboard the sacrifice ores mined on Rythar.

God asked two things from the settlement: the pieces of unusually heavy metal which they dug from the hills, and tiny vials of soil. In an hour's time they could mine enough ore to fill the compartment of a god-car, and god never complained if they sometimes sent the cylinder back empty. But he fussed mightily over the small vials of Earth. He gave very explicit directions as to where they were to take the samples, and the place was never the same. Sometimes they had to travel miles from the settlement to satisfy that inexplicable whim.

For two weeks Mryna patiently ran off the endless films of new books and unloaded the god-car when it came. She examined the interior of the cylinder carefully and she weighed every possible risk. The compartment was very small, but she concluded that she would be safe.

And so she made her decision. Tense and tight-lipped Mryna Brill slipped aboard the god-car. She sealed the lock door, which automatically fired the launching tubes. After that there was no turning back.

The dark compartment shook in a thunder of sound. The weight of the escape speed tore at her body, pulling her tight against the confining walls. She lost consciousness until the pressure lessened.

The metal walls became hot but the space was too confining for her to avoid contact entirely. Four narrow light tubes came on, with a dull, red glow, and suddenly a gelatinous liquid emptied out of ceiling vents. The fluid sprayed every exposed surface in the cubicle, draining through the shipment of sacrifice ores at Mryna's feet. It had a choking, antiseptic odor; it stung Mryna's face and inflamed her eyes.



Worse still, as the liquid soaked into her clothing, it disintegrated the fiber, tearing away the cloth in long strips which slowly dissolved in the liquid on the floor. Before the antiseptic spray ceased, Mryna was helplessly naked. Even her black boots had not survived.

The red lights went out and Mryna was imprisoned again in the crushing darkness. A terror of the taboos she had defied swept her mind. She began to scream, but the sound was lost in the roar of the motors.

Suddenly it was over. The god-car lurched into something hard. Mryna was thrown against the ceiling—and she hung there, weightless. The pieces of sacrifice ore were floating in the darkness just as she was. The 57 motors cut out and the lock door swung open.

Mryna saw a circular room, brightly lighted with a glaring, blue light. The nature of her fear changed. This was the house of the Earth-god, but she could not let him find her naked.

She tried to run into the circular room. She found that the slightest exertion of her muscles sent her spinning through the air. She could not get her feet on the floor. There was no down and no up in that room. She collided painfully with the metal wall and she snatched at a light bracket to keep herself from bouncing free in the empty air again.

The god-car had landed against what was either the ceiling or the floor of the circular room. Mryna had no way of making a differentiation. Eight brightly lighted corridors opened into the side walls. Mryna heard footsteps moving toward her down one of the corridors; she pulled herself blindly into another. As she went farther from the circular room, a vague sense of gravity returned. At the end of the corridor she was able to stand on her feet again, although she still had to walk very carefully. Any sudden movement sent her soaring in a graceful leap that banged her head against the ceiling.

Cautiously she opened a thick, metal door into another hall—and she stood transfixed, looking through a mica wall at the emptiness of space pinpointed with its billions of stars. This was the reality of the charts she had seen in the astronomy text: that knowledge alone saved her sanity. She had believed it when the proof lay hidden above the rain mist; she must believe it now.

From where she stood, she was able to see the place where the god-car had brought her—like a vast cartwheel spinning in the void. The god-car was clamped against the hub, from which eight corridors radiated outward like wheel spokes toward the rim. Far below the gigantic wheel Mryna saw the sphere of Rythar, invisible behind its shroud of glowing mist.



She moved along the rim corridor, past the mica wall, until she came to a door that stood open. The room beyond was a sleeping compartment and it was empty. She searched it for clothing, and found nothing. She went through four more dormitory rooms before she came upon anything she could use—brief shorts, clearly made for a man, and a loose, white tunic. It wasn't suitable; it wasn't the way she wanted to be dressed when she faced him. But it had to do.

Mryna was pawing through a footlocker looking for boots when she heard a hesitant step behind her. She whirled and saw a small, stooped, white-haired man, naked except for trunks like the ones she was wearing. The wrinkled skin on his wasted chest was burned brown by the hot glare of the sun. Thick-lensed glasses hung from a chain around his neck.

58 “My dear young lady,” he said in a tired voice, “this is a men’s ward!”

“I’m sorry. I didn’t know—”

“You must be a new patient.” He fumbled for his glasses. Instinctively she knew she shouldn’t let him see her clearly enough to identify her as a stranger. She shoved past him, knocking the glasses from his hand.

“I’d better find my own—ward.” Mryna didn’t know the word, but she supposed it meant some sort of sleeping chamber.

The old man said chattily, “I hadn’t heard they were bringing in any new patients today.”

She was in the corridor by that time. He reached for her hand. “I’ll see you in the sunroom?” It was a timid, hopeful question. “And you’ll tell me all the news—everything they’re doing back on Earth. I haven’t been home for almost a year.”

She fled down the hall. When she heard voices ahead of her, she pulled back a door and slid into another room—a storeroom piled with cases of medicines. Behind the cartons she thought she would be safe.

This wasn’t what she had expected. Mryna thought there might be one man living in a kind of prefab somehow suspended above the rain mist. But there were obviously others up here; she didn’t know how many. And the old man frightened her—more than the dazzling sight of the heavens visible through the mica wall. Mryna had never seen physical age before. No one on Rythar was older than she was herself—a sturdy, healthy, lusty twenty. The old man’s infirmity disgusted her; for the first time in her life she was conscious of the slow decay of death.



The door of the supply room slid open. Mryna crouched low behind the cartons, but she was able to see the man and the woman who had entered the room. A woman—here? Mryna hadn't considered that possibility. Perhaps the Earth-god already had a mate.

The newcomers were dressed in crisp, white uniforms; the woman wore a starched, white hat. They carried a tray of small, glass cylinders from which metal needles projected. While the woman held the tray, the man drove the needles through the caps of small bottles and filled the cylinders with a bright-colored liquid.

"When are you leaving, Dick?" the woman asked.

"In about forty minutes. They're sending an auto-pickup."

"Oh, no!"

"Now don't start worrying. They have got the bugs out of it by this time. The auto-pickups are entirely trustworthy."

"Sure, that's what the army says."

"In theory they should be even more reliable than—"

"I wish you'd wait for the hospital shuttle."

"And miss the chance to address Congress this year? We've worked too long for this; I don't want to muff it now. We've all the statistical proof we need, even to convince 59 those pinchpenny halfwits. During the past eight years we've handled more than a thousand cases up here. On Earth they were pronounced incurable; we've sent better than eighty per cent back in good health after an average stay of fourteen months."

"No medical man has ever questioned the efficiency of cosmic radiation and a reduced atmospheric gravity, Dick."

"It's just our so-called statesmen, always yapping about the budget. But this time we have the cost problem licked, too. For a year and a half the ore they send up from Rythar has paid for our entire operation."

"I didn't know that."

"We've kept it under wraps, so the politicians wouldn't cut our appropriations."

Their glass tubes were full, and they turned toward the door. "It isn't right," the woman persisted, "for them not to send a piloted shuttle after you, Dick. It isn't dignified. You're our assistant medical director and—"

Her words were cut off as the door slid shut behind them. Mryna tried to fit this new information into what she already knew—or thought she knew—about the Earth-god. It didn't add up to a pretty picture. She had once asked for a definition of illness, and it was apparent to her that this place which they called the Guardian Wheel was an expensive hospital for



Earthmen. It was paid for by the sacrificial ores mined on Rythar. In a sense, Rythar was being enslaved and exploited by Earth. True, it was not difficult to dig out the ore, but Mryna resented the fact that the kids on Rythar had not been told the truth. She had long ago lost her awe of the man called god; now she lost her respect as well.

Mryna was glad she had not seen him, glad no one knew she was aboard the Guardian Wheel. She would return to Rythar. After she told the others what she knew, Rythar would send up no more sacrifice ores. Let the Earthmen come down and mine it for themselves!

Very cautiously she pulled the door open. The rim corridor was empty. She moved toward one of the intersecting corridors. When she heard footsteps, she hid in another dormitory room.

This was different from the others. It showed more evidence of permanent occupation. She guessed it was a dormitory for the people who took care of the sick. Pictures were fastened to the curved, metal walls. Personal articles cluttered the shelves hung beside the bunks. On a writing desk she saw a number of typed reports. Five freshly laundered uniforms, identical to the one she had lost in the antiseptic wash, hung on a rack behind the door. Mryna stripped off the makeshift she was wearing and put on one of the uniforms; she found boots under the desk. When she was dressed, she stood admiring herself in the polished surface of the metal door.

She was a handsome woman, and 60she was very conscious of that. Her face was tanned by the mist-filtered sunlight of Rythar; her lips were red and sensuous; her long, platinum-colored hair fell to her shoulders. She compared herself to the small, hard-faced female she had seen in the supply room. Was that a typical Earthwoman? Mryna's lips curled in a scornful smile. Let the gods come down to Rythar, then, and discover what a real female was like in the lush, green, Rytharian paradise.

Mryna went to the desk and glanced at the typed reports. They had been written by a man who signed himself "Commander in Charge, Guardian Wheel," and they were addressed to the Congress of the world government. One typed document was a supply inventory; a second, still unfinished, was a budget report. (*You won't show a profit next time*, Mryna thought vindictively, *when we stop sending you the sacrifice ore.*) Another report dealt with Rythar, and Mryna read it with more interest.

One paragraph caught her attention,

"We have asked for soil samples to be taken from an area covering ten thousand square miles. Our chemical analysis has been thorough, and we find nothing that could be remotely



harmful to human life. Atmospheric samples produce the same negative results. On the other hand, we have direct evidence that no animal life has ever evolved on Rythar; the life cycle is exclusively botanical.”

The soil samples, Mryna realized, would be the vials of Earth which the Earth-god had requested so often. Were the Earthmen planning to move their hospital down to Rythar? That idea disturbed her. Mryna did not want her garden world cluttered up with a lot of sick, old men discarded by Earth.

She turned to the second page of the report. “The original colony survived for a year. The Sickness in the Old Village developed only after the first harvest of Rytharian-grown food. It is more and more evident that the botanical cycle of Rythar must be examined before we find the answer. To do that adequately, we shall have to send survey teams to the surface; that requires much larger appropriations for research than we have had in the past. The metal immunization suits, which must, of course, be destroyed after each expedition—”

“And what, may I ask, is the meaning of this?”

Mryna dropped the report and swung toward the door. She saw a woman standing there—another hard-faced Earthwoman, with a starched, white cap perched on her graying hair.

“I must have come to the wrong room,” Mryna said in a small voice.

“Indeed! Everyone knows this is command headquarters. Who are you?” The woman put her hand on Mryna’s arm, and the fingers bit through the uniform into Mryna’s flesh.

61 Mryna pulled away, drawing her shoulders back proudly. Why should she feel afraid? She stood a head taller than this dried up stranger; she knew the Earthwoman’s strength would be no match for hers.

“My name is Mryna Brill,” she said quietly. “I came up in a god-car from Rythar.”

“Rythar?” The woman’s mouth fell open. She whispered the word as if it were profanity. Suddenly she turned and ran down the rim corridor, screaming in terror.

She’s afraid of me! Mryna thought. And that made no sense at all.

Mryna knew she had to get back to the god-car quickly. Since the Earthmen had built up the taboos in order to get their sacrifice ores from Rythar, they would do everything they could to prevent her return. She ran toward an intersecting spoke corridor. An alarm bell began to clang, and the sound vibrated against the metal walls. An armed man sprang from a side room and fired his weapon at Mryna. The discharge burned a deep groove in the wall.

So they would even kill her—these men who pretended to be gods!



Before the man could fire again, Mryna swung down a side corridor, and at once the sensation of weightlessness overtook her. She could not move quickly. She saw the armed man at the mouth of the corridor. Frantically she pushed open the door of a room, which was crowded with consoles of transmission machines. Three men were seated in front of the speakers. They jumped and came toward her, clumsily fighting the weightlessness.

Mryna caught at the door jamb and swung herself toward the ceiling. At the same time the armed man fired. The discharge missed her and washed against the transmission machinery. Blue fire exploded from the room. The three men screamed in agony. Concussion threw Mryna helplessly toward the rim again.

And the Guardian Wheel was plunged into darkness. Mryna's head swam; her shoulder seethed with pain where she had banged into the wall. She tried to creep toward the circular room, but she had lost her sense of direction and she found herself back on the rim.

The clanging bell had stopped when the lights went out, but Mryna heard the panic of frightened voices. Far away someone was screaming. Running feet clattered toward her. Mryna flattened herself against the outer wall. An indistinct body of men shot past her.

"From Rythar," one of them was saying. "A woman from Rythar!"

"And we've blasted the communication center. We've no way of sending the warning back to Earth—"

They were gone.

Mryna moved back into the spoke corridor. She felt her way silently toward the circular hub room and the god-car. Suddenly very close she heard voices which she recognized—the man and the woman who had been talking in the supply room.

"You're still all right, Dick," the 62 woman said. "She hasn't been here long enough to—"

"We don't know that. We don't know how it spreads or how quickly. We can't take the chance."

"Then ... then we've no choice?" Her voice was a small whisper, choked with terror.

"None. These have been standing emergency orders for twenty years. We always faced the possibility that one of them would escape. If we'd been allowed to use a different policy of education—but the politicians wouldn't permit that. The Wheel has to be destroyed, and we must die with it."

"Couldn't we wait and make sure?"



“It works too fast. None of us would be able to do the job—afterward.”

The voices moved away. Mryna floated toward the hub room. She found the air lock and pulled herself into the god-car. The metal lock hissed closed and light came on. Then she knew she had made a mistake. This ship was not the one she had used when she came up from Rythar. The tiny cabin was fitted with a sleeping lounge, a food cabinet and a file of reading films. Above the lounge a mica viewplate gave her a broad view of the sky.

Mryna remembered that the man in the supply room had said he was waiting for an auto-pickup; he was on his way back to Earth. Mryna had taken his ship instead of her own. In panic she tried to open the door again, but she found no way to do it. Machinery beneath her feet began to hum. She felt a slight lurch as the pickup left the hub of the Guardian Wheel.

It swung in a wide arc. Through the viewplate she saw the enormous Wheel growing small behind her, silhouetted against the mist of Rythar. Suddenly the wheel glowed red with a soundless explosion. Its flaming fragments died in the void.

Mryna dropped weakly on the lounge. Nausea spun through her mind. The man had said they would destroy themselves. Because Mryna had come aboard? But why were they afraid of her? What possible harm could she do them? Mryna had left Rythar to discover the truth, and the truth was insanity. Was truth always like this—a bitter disillusionment, an empty horror?

She had something else to say to the people of Rythar now: not that the gods were men, but that men were mad. Believe in the taboos; send up the sacrificial ores. It was a small price to pay to keep that madness away from Rythar.

And Mryna knew she could not go back. With the Wheel gone, she could never return to Rythar; the auto-pickup was carrying her inexorably toward Earth. The scream of the machinery slowly turned shrill, hammering against her eardrums. The stars visible in the viewplate blurred and winked out. Mryna felt a twist of vertigo as the shuttle shifted from conventional speed into a time warp. And then the sound 63 was gone. The ship was floating in an impenetrable blackness.

Mryna had no idea how much time passed subjectively. When she became hungry, she took food from the cabinet. She slept when she was tired. To pass the time, she turned the reading films through the projector.

Most of the film stored in the shuttle covered material Mryna already knew. The Earthmen, clearly, had not denied any information to Rythar. Only one thing had been restricted—astronomy. And that would have made no difference, if Mryna had not found the



text in the ruins of the Old Village. The people on Rythar never saw the stars; they had no way of knowing—or caring—what lay above the rain mist.

Mryna was more interested in the history of Earth, which she had never known before. She studied the pictures of the great industrial centers and the crowded countryside. She was awed by the mobs in the city streets and the towering buildings. Yet she liked her own world more—the forests and the clear-running brooks; the vast, uncrowded, open spaces.

It puzzled her that the people of Earth would give the Rytharian paradise to a handful of children, when their own world was so overcrowded. Was this another form of the madness that had driven the people in the Wheel to destroy themselves? That made a convenient explanation, yet Mryna's mind was too logical to accept it.

One film referred to the founding of the original colony on Rythar, a planet in the Sirian System which had been named for its discoverer. Rythar, according to the film, was one of a score of colonies established by Earth. It was unbelievably rich in deposits of uranium.

That, Mryna surmised, was the name of the sacrificial ore they sent up in the god-cars.

The atmosphere and gravity of Rythar duplicated that of Earth; Rythar should have become the largest colony in the system. The government of Earth had originally planned a migration of ten million persons.

“But after twelve months the survey colony was destroyed by an infection,” Mryna read on the projection screen, “which has never been identified. It is called simply the Sickness. The origin of this plague is unknown. No adult in the survey colony survived; children born on Rythar are themselves immune, but are carriers of the Sickness. The first rescue team sent to save them died within eight hours. No human being, aside from these native-born children, has ever survived the Sickness.”

Now Mryna had the whole truth. She knew the motivation for their madness of self-destruction. It was not insanity, but the sublime courage of a few human beings sacrificing themselves to save the rest of their civilization. They smashed the Guardian Wheel to keep the Sickness there. And Mryna had already 64 escaped before that happened! She was being hurled through space toward Earth and she would destroy that, too.

If she killed herself, that would in no way alter the situation. The ship would still move in its appointed course. Her body would be aboard; perhaps the very furnishings in the cabin were now infected with the germ of the Sickness. When the ship touched Earth, the fatal poison would escape.

Dully Mryna turned up another frame on the film, and she read what the Earthmen had done to help Rythar. They built the Guardian Wheel to isolate the Sickness. Sealed in metal



immunization suits, volunteers had descended to the plague world and reared the surviving children of the colonists until they were old enough to look out for themselves. The answer house had been set up as an instructional device.

“As nearly as possible, the scientists in charge attempted to create a normal social situation for the plague carriers. They could never be allowed to leave Rythar, but when they matured enough to know the truth, Rythar could be integrated into the colonial system. Rytharian uranium is already a significant trade factor in the colonial market. An incidental by-product of the Guardian Wheel is the hospital facility, where advanced cases of certain cancers and lung diseases have been cured in a reduced gravity or by exposure to cosmic radiation.”

Mryna shut off the projection. The words made sense, but the results did not. And she knew precisely why Earth had failed. When they matured—in those three words she had her answer.

And now it didn’t matter. There was nothing she could do. Her ship was a poisoned arrow aimed directly at the heart of man’s civilization.

Mryna had slept twice when the auto-pickup lurched out of the time drive and she was able to see the stars again. Directly ahead of her she saw an emerald planet, bright in the sun. And she knew instinctively that it was Earth.

A speaker under the viewport throbbed with the sound of a human voice.

“Auto-shuttle SC 539, attention. You are assigned landing slot seven-three-one, Port Chicago. I repeat, seven-three-one. Dial that destination. Do you read me?”

Three times the message was repeated before Mryna concluded that it was meant for her. She found three small knobs close to the speaker and a plastic toggle labeled “voice reply.” She snapped it shut and found that she could speak to the Chicago spaceport.

Her problem was easily solved, then. She could say she came from Rythar. Without hesitation, Earth ships would be sent to blast her ship out of the sky before she would be able to land. But she knew she had to accomplish more than that; the same mistake must not be repeated again.

65 “How much time do I have?” she asked.

“Thirty-four minutes.”

“Can you keep this shuttle up here any longer than that?”

“Lady, the auto-pickups are on tape-pilot. Come hell or high water, they land exactly on schedule.”



“What happens if I don’t dial the slot destination?”

“We bring you in on emergency—and you fork over a thousand buck fine.”

Mryna asked to be allowed to speak to someone in authority in the government. The Chicago port manager told her the request was absurd. For nine minutes Mryna argued, with a mounting sense of urgency, before he gave his grudging consent. Her trouble was that she had to skate close to the truth without admitting it directly. She could not—except as a last resort—let them kill her until they knew why the isolation of Rythar had failed.

It was thirteen minutes before landing when Mryna finally heard an older, more dignified voice on the speaker. By then the green globe of Earth filled the sky; Mryna could make out the shapes of the continents turning below her. The older man identified himself as a senator elected to the planetary Congress. She didn’t know how much authority he represented, but she couldn’t afford to wait any longer.

She told him frankly who she was. She knew she was pronouncing her own death sentence, yet she spoke quietly. She must show the same courage that the Earthmen had when they sacrificed themselves in the Guardian Wheel.

“Listen to me for two minutes more before you blast my ship,” she asked. “I rode the god-car up from Rythar—I am coming now to spread the Sickness on Earth—because I wanted to know the truth about something that puzzled me. I had to know what was above the rain mist. In the answer house you would not tell us that. Now I understand why. We were children. You were waiting for us to mature. And that is the mistake you made; that blindness nearly destroyed your civilization.

“You will have to build another Guardian Wheel. This time don’t hide anything from us because we’re children. The truth makes us mature, not illusions or taboos. Never forget that. It is easier to face a fact than to have to give up a dream we’ve been taught to believe. Tell your children the truth when they ask for it. Tell us, please. We can adjust to it. We’re just as human as you are.”

Mryna drew a long breath. Her lips were trembling. Did this man understand what she had tried to say? She would never know. If she failed, Earth—in spite of its generosity and its courage—would one day be destroyed by children bred on too many delusions. “I’m ready,” Mryna said steadily. “Send up your warships and destroy me.”



She waited. Less than ten minutes were left. Her shuttle began to move 66 more slowly. She was no more than a mile above Earth. She saw the soaring cities and the white highways twisting through green fields.

Seven minutes left. Where were the warships? She looked anxiously through the viewport and the sky was empty.

Desperately she closed the voice toggle again. “Send them quickly!” she cried. “You must not let me land!”

No reply came from the speaker. Her auto-shuttle began to circle a large city which lay at the southern tip of an inland lake. Three minutes more. The ship nosed toward the spaceport.

“Why don’t you do something?” Mryna screamed. “What are you waiting for?”

The shuttle settled into a metal rack. The lock hissed open. Mryna shrank back against the wall, looking out at what she would destroy—what she had already destroyed. A dignified, portly man came panting up the ramp toward her.

“No!” she whispered. “Don’t come in here.”

“I am Senator Brieson,” he said shortly. “For ten years Dr. Jameson has been telling us from the Guardian Wheel that we should adopt a different educational policy toward Rythar. Your scare broadcast was clever, but we’re used to Jameson’s tricks. He’ll be removed from office for this, and if I have anything to say about it—”

“You didn’t believe me?” Mryna gasped.

“Of course not. If a plague carrier escaped from Rythar, we would have heard about it long before this. The trouble with you scientists is you don’t grant the rest of us any common sense. And Jameson’s the worst of the lot. He’s always contended that the sociologists should determine our Rytharian policy, not the elected representatives of the people.”

Mryna broke down and began to cry hysterically. The senator put his hand under her arm—none too gently. “Let’s have no more dramatics, please. You don’t know how fortunate you are, young lady. If the politicians were as addle-witted as you scientists claim we are, we might have believed that nonsense and blasted your ship out of the sky. You scientists have to give up the notion that you’re our guardians; we’re quite able to look out for ourselves.”

